

Percorrer paisagens atingidas: Uma narrativa visual do desastre da Samarco em Mariana, Minas Gerais

Going through affected landscapes: A visual narrative of the Samarco disaster in Mariana, Minas Gerais

Recorrer paisajes afectados: Una narrativa visual del desastre de Samarco en Mariana, Minas Gerais

Ananda Martins Carvalho¹

Resumo: Este ensaio fotográfico registra elementos da natureza, objetos e edificações que compõem a paisagem do distrito de Paracatu de Baixo, em Mariana (Minas Gerais, Brasil), atingido em 2015 pelo derramamento de rejeitos minerários da Samarco, Vale e BHP Billiton. O desastre daí decorrente significou uma série de afetações para as suas famílias, que hoje vivem em casas provisórias alugadas no centro urbano de Mariana enquanto aguardam a reconstrução de sua comunidade em outro terreno. As fotografias selecionadas para este ensaio aludem aos silêncios e às lembranças que agora participam do cenário de Paracatu de Baixo. Em uma escala aproximada, destaca as marcas da lama nos objetos, nas árvores, nas casas, na escola, na igreja, que juntos significavam a pertença das moradoras e moradores ao distrito e agora situam a comunidade na temporalidade do desastre.

Palavras-chave: Desastre da Samarco/ Vale/ BHP Billiton, Paracatu de Baixo, narrativas visuais, escalas de observação.

Abstract: This photographic essay records elements of nature, objects and buildings that make up the landscape of the district of Paracatu de Baixo, in Mariana (Minas Gerais, Brazil), reached in 2015 by the spillage of tailings from Samarco, Vale and BHP Billiton. The ensuing disaster meant a series of affectations for their families, who now live in temporary hired homes in the urban center of Mariana while awaiting the rebuilding of their community on another land. The photographs selected for this essay allude to the silences and the memories that now participate in the scenario of Paracatu de Baixo. On an approximate scale, it highlights the mud marks on

¹ Doutoranda em Discursos: Cultura, História e Sociedade no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduada em Psicologia, com Ênfase em Processos Psicossociais, pela UFMG. E-mail: anandamartins91@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6784-0985>

objects, trees, houses, school, and church, which together meant the belonging of the residents and residents to the district and now situate the community in the temporality of the disaster.

Keywords: Samarco / Vale / BHP Billiton disaster, Paracatu de Baixo, visual narratives, observation scales.

Resumen: Este ensayo fotográfico registra elementos de la naturaleza, objetos y edificaciones que componen el paisaje del distrito de Paracatu de Baixo, en Mariana (Minas Gerais, Brasil), alcanzado en 2015 por el derramamiento de desechos mineros de Samarco, Vale y BHP Billiton. El desastre resultante significó una serie de afectaciones para sus familias, que hoy viven en casas provisionales alquiladas en el centro urbano de Mariana mientras aguardan la reconstrucción de su comunidad en otro terreno. Las fotografías seleccionadas para este ensayo aluden a los silencios ya los recuerdos que ahora participan en el escenario de Paracatu de Baixo. En una escala aproximada, destaca las marcas del lodo en los objetos, en los árboles, en las casas, en la escuela, en la iglesia, que juntos significaban la pertenencia de las moradoras y moradores al distrito y ahora sitúan a la comunidad en la temporalidad del desastre.

Palabras clave: Desastre de Samarco / Valle / BHP Billiton, Paracatu de Bajo, narrativas visuales, escalas de observación.

1. Introdução

No dia cinco de novembro de 2015, por volta das 15 horas e 30 minutos, a barragem de rejeitos minerários de Fundão, localizada na cidade de Mariana (Minas Gerais, Brasil) rompeu-se, provocando o derramamento de cerca de 50 milhões de metros cúbicos de lama sobre as calhas dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, alcançando mais de quarenta municípios entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Em Mariana, os distritos rurais de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo foram destruídos, além de parte dos distritos de Paracatu de Cima, Pedras, Ponte do Gama, Camargos e Campinas. Dezenove pessoas morreram, uma mulher sofreu um aborto e mais de duzentas famílias perderam suas casas. As empresas Samarco Mineração S.A., Vale S.A. e BHP Billiton Ltda., responsáveis pela barragem, não possuíam um plano de emergência que prevenisse aquelas comunidades quanto a um possível rompimento de suas estruturas e, passados mais de três anos, não indenizaram as famílias por suas perdas, tampouco reconstruíram suas comunidades.

Ainda em novembro de 2015 estive na cidade de Mariana, movida por alguma inquietação ou pela necessidade de dimensionar aquilo que ocorria. Minhas primeiras impressões foram vagas, mas nos meses seguintes pude participar de uma série de reuniões, onde conheci muitos dos moradores atingidos, pesquisadores e ativistas. Em 2016, após as primeiras visitas, o desastre da Samarco (Vale/ BHP Billiton) tornou-se tema da minha investigação de mestrado. Mais especificamente, interessava-me compreender como, do ponto de vista intersubjetivo, os afetados pelo rompimento da barragem de Fundão estavam lidando com as perdas implicadas pelo desastre, convocando memórias, reconfigurando suas práticas socioespaciais e imaginando futuros.

Por tratar-se de um contexto complexo, convoquei para a pesquisa o uso de instrumentos metodológicos diversos, que incluíram a realização de entrevistas, anotações em cadernos de campo e registros fotográficos. O uso da imagem ocorreu, em um primeiro momento, de forma espontânea, já que há algum tempo eu me habituara a percorrer os lugares com uma câmera fotográfica na mão. Contudo, à medida que a pesquisa avançava, tornei-me consciente da limitação dos instrumentos metodológicos até então pensados para alcançar e comunicar aquele contexto no que dizia respeito às suas dimensões físicas, às afetações nas vidas dos moradores e à intensidade das violências sofridas. Incorporei, assim, a fotografia como metodologia de pesquisa.

As imagens permitiram alcançar o desastre a partir das cores e formas, da materialidade dos objetos em estado de transformação. Ao longo da pesquisa, demorei-me entre casas e ruas com as quais fui me familiarizando, ao mesmo tempo em que conhecia as vozes que construíram naqueles lugares as mais longínquas pertenças. Tratei as fotografias não como apêndices ou meros suportes do trabalho, mas como narrativas capazes de dizer o campo no mesmo patamar da escrita. As imagens evocam silêncios e aludem a presenças, carregam a potencialidade de desestabilizar o olhar e de conhecer novas maneiras de apreender o espaço. Neste caso, maneiras que estejam além as ideias de desmantelamento e soterramento, mas que vislumbram as formas, as atividades e as funções antes desempenhadas nos distritos, alteradas com a inundação marrom. Mais do que a documentação dos fatos, as fotografias evidenciam sensibilidades por serem investigadas, em diálogo com a materialidade dos lugares.

Tal materialidade foi trazida por meio do registro daquilo que o olho vê, a imagem próxima, que concede atenção aos detalhes, aos pequenos espaços que sinalizam as vozes que ali

habitaram. Contrariamente às imagens aéreas, circuladas amplamente em veículos midiáticos, priorizei as marcas deixadas pela lama em objetos de pertença, nas casas e nas árvores, no bar, no ponto de ônibus, na sala de aula, na quadra de esportes, nas igrejas. Se, por um lado, as fotografias aéreas capturam o desastre através da extensão dos rios e dos vilarejos encobertos de lama, por outro, apenas a imagem próxima remete ao desastre dimensionado a partir das suas afetações no registro da vida cotidiana. Para Eduardo Sterzi, em análise ao ensaio fotográfico “Deserto Vermelho”, de Bruno Veiga,

[...] a catástrofe parece exigir um olhar capaz de movimentar-se entre o plano máximo (o território totalmente modificado, as populações afetadas, os rios destruídos, os reflexos no oceano etc.) e o plano mínimo (não só a extinção de algumas espécies, mas cada animal morto; não só as comunidades deslocadas, mas cada objeto deixado para trás...) (STERZI, 2016).

Em plano mínimo, revisitar o lugar a partir das imagens que ele projeta possibilita notar aquilo que subjaz à destruição e parece, em um primeiro momento, manter ruas e casas em uma temporalidade submersa. Contudo, as fotografias produzidas em momentos distintos dão conta das mudanças na paisagem, para onde confluem processos naturais e politicamente engendrados: a cor do rio, a planta crescendo na porta de casa, a remoção de trechos de lama para abrir passagens, a instalação de placas que, ao interferirem na cena da tragédia, enunciam a presença de atores em disputa sobre o lugar.

Neste caso, apenas as fotografias em escalas mais próximas poderiam captar o que subsiste à tragédia e acompanha o tempo lento das transformações. Boaventura Santos argumenta-nos que a escala é um dos mecanismos criadores de determinado fenômeno: “Um dado fenômeno só pode ser representado numa dada escala. Mudar de escala implica mudar o fenômeno” (SANTOS, 2000, p. 187). Para o autor, as escalas não se aplicam somente aos mapas, mas também à ação social, de modo que a representação/ distorção da realidade pode transformar-se em pressuposto de mecanismos de poder.

O privilégio à representação do desastre de maneira distanciada, como feito reiteradamente pela mídia e por órgãos do Estado, ao capturar e divulgar imagens aéreas dos distritos atingidos, faz com que percamos de vista sua dimensão humana, os fragmentos de vida que aparecem em meio aos objetos soltos no chão. Neste ensaio, em que retrato o distrito rural de Paracatu de Baixo entre 2016 e 2017, local antes habitado por cerca de duzentas famílias, o exercício imagético da escala aproximada implica em vislumbrar as paisagens de outrora e as ocupações que ali se cumpriam, bem como a desordem subjetiva provocada pelo desastre. Ao dar

conta de que resistem à tragédia subjetividades feridas, por meio de um olhar demorado pelos lugares atingidos, torna-se possível engendrar empatia por aqueles que neles viveram e legitimamente os contam.

2. Exposição de Fotos – Ananda Martins Carvalho, 206/2017













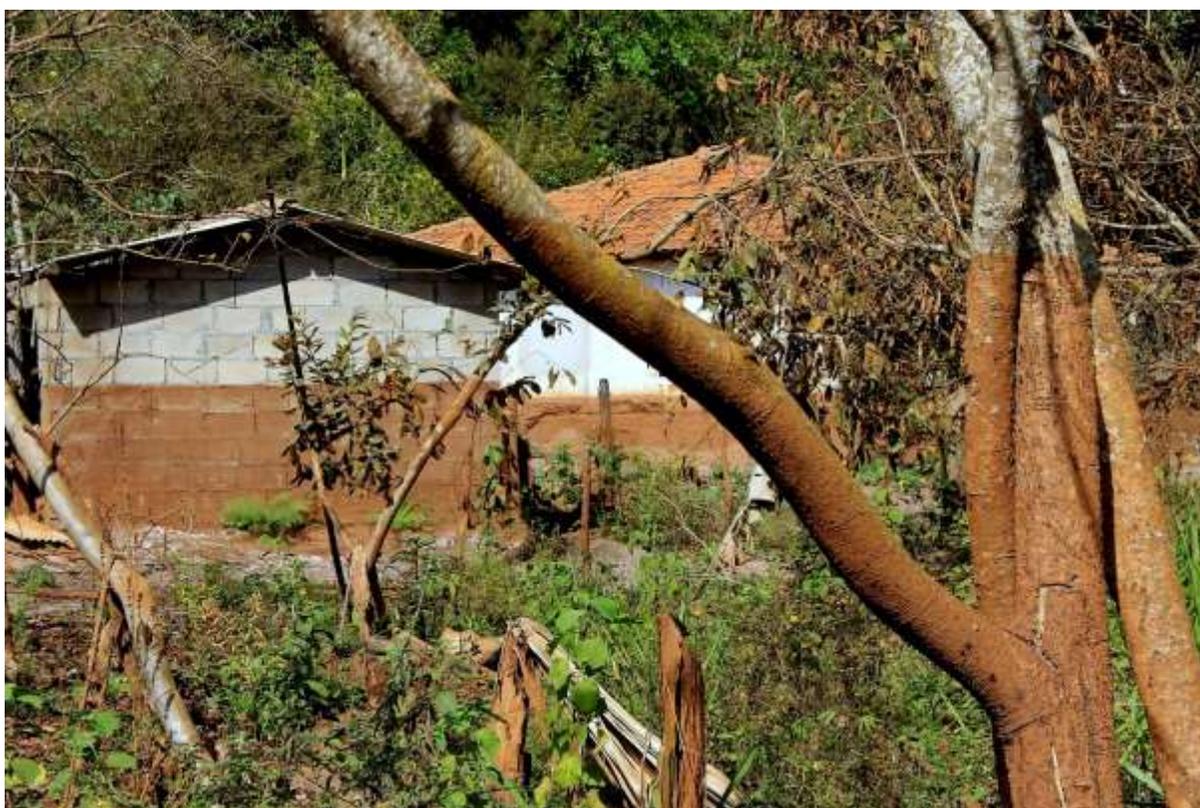














Silenciosa e deserta de gente
 A paisagem é um espectro de cores marrons
 Sobre paredes incompletas
 Pendem quadros, calendários, fotografias
 Numa delas talvez tenha sido feliz uma mulher
 Cuidou da horta e dos filhos
 Viu o menino crescer
 E aprender no campo os princípios
 Que na cidade o seguiriam.
 Ela queria morrer ali
 No mesmo palmo de terra de seu pai e avô
 Na sombra do pé de maçã
 Que em vez do fruto dava flor.
 Em forma de lama
 A massa descartada da mineração chegou primeiro.
 No chão, a cama em pedaços
 O colchão, o sapato e os brinquedos
 Com que as crianças corriam às ruas.
 No fim de tarde, talvez
 Os velhos pousassem os braços nas janelas
 As mulheres se reunissem nos quintais
 Ou buscassem nos maridos um abraço.
 Silêncios e saudades hoje
 Sobrevoam os objetos soltos no chão
 O lugar é habitado por pássaros.

(Ananda Martins Carvalho)

3. Nota de direito de imagem:

Todas as fotos foram tiradas pela autora Ananda Martins Carvalho em 2016 e 2017 e cedidas para a publicação nesta revista. Esta revista possui cópia e distribuição livre, inclusive para fins comerciais. O direito à imagem continua pertencendo à autora.

4. Referências

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Uma cartografia simbólica das representações sociais: o caso do direito”. In Boaventura de Sousa Santos, *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

STERZI, Eduardo; VEIGA, Bruno. Fotografia e catástrofe: Mariana (MG). **Revista ZUM**, 2016. Disponível em: <http://revistazum.com.br/galeria/mariana-mg-bruno-veiga/>.

Dossiê convidado – Ensaio fotográfico

Data de envio: 04/03/2019

Data de aceite: 05/03/2019

COMO CITAR:

CARVALHO, Ananda Martins. Percorrer paisagens atingidas: Uma narrativa visual do desastre da Samarco em Mariana, Minas Gerais. **Revista Científica Foz**, v. 1, n. 3, p. 21-39, mar. 2019.